



## **PERCEPÇÕES DE CORPO E GÊNERO ENTRE EDUCADORAS/ES: UM ESTUDO EM GOIÂNIA/GO**

Aline da Silva Nicolino, UFG/GO

Ana Márcia Silva, UFG/GO

**Resumo:** Este estudo busca identificar a percepção de educadoras/es de diferentes campos disciplinares, sobre as demandas estudantis acerca do corpo, relacionadas às questões de gênero, de forma a analisar suas estratégias didáticas e formas de problematização no cotidiano escolar. Para isso, nos valem da aplicação de questionários, para 80 estudantes do nono ano do Ensino Fundamental, 26 professoras/es e 6 gestoras/es, de duas escolas públicas de Goiânia/GO. Dialogando com as ciências humanas e sociais, os dados indicam que as questões de corpo e de gênero não estão contempladas na formação inicial nem formação continuada; constituem-se como temas emergentes no cotidiano escolar para as/os estudantes, enfrentados, em geral, a partir do senso comum.

**Palavras-chave:** corpo, gênero, formação continuada.

## **PERCEPTIONS OF BODY AND GENDER BETWEEN EDUCATORS: A STUDY AT GOIÂNIA/GO**

**Abstract:** This study intends to identify the perception of educators of different disciplines about the students demands over the body, related to gender issues in order to analyze their didactic strategies and forms of questioning the school routine. We applied questionnaires to 80 students of Elementary Education, 26 teachers and 6 administrators, at two public schools in Goiânia/GO. In dialogue with the human and social sciences, the data indicates that the issues of gender and body are not contemplated in initial formation nor in the continued formation; they constitute as emerging themes in school life for students, faced, in general, as from common sense.

**Keywords:** body, gender, continued formation.





A educação formal tem sido intensamente investigada nas últimas décadas, talvez, na mesma proporção em que tem sido criticada, sobretudo na produção acadêmica que centra seu foco de análise no cotidiano escolar. Apesar das críticas e da visão pessimista que predomina ao se falar em educação no Brasil, no imaginário social permanece forte a esperança na escolarização em contribuir para ascensão social, especialmente entre as camadas populares.

Desde a perspectiva política, contemporaneamente, pode-se afirmar que sem educação formal não há possibilidades de equidade e justiça social; contexto mais amplo no qual se inserem os estudos e políticas de gênero e sexualidade. Isso porque sem educação não se pode falar em direitos humanos, em função de sua condição de atividade estruturante na vida em sociedade.

É desta perspectiva que nos pareceu ética e epistemologicamente adequado conhecer percepções de corpo e gênero de educadoras/es e ao mesmo tempo, compartilhar, construindo coletivamente novos conhecimentos que possam se desdobrar em alternativas pedagógicas mais bem sucedidas. Fazer isso a partir do campo da Educação Física foi um interessante exercício. A proximidade com o corpo e as práticas corporais, tematizando-as a partir de diferentes campos do conhecimento, neste caso especialmente com as ciências humanas e sociais, possibilitou uma rica interlocução com educadoras/es de formações acadêmicas distintas e, talvez, tenha contribuído para outra compreensão acerca deste campo.

Estruturamos a pesquisa também, a partir de outras questões relacionadas a esses âmbitos do corpo e de gênero, as quais indicam uma crescente preocupação com a aparência como informa um número expressivo de referências de pesquisa (BRETON, 2002; CASTRO, 2004; COURTINE, 1995; GOLDENBERG, 2004; NOVAES, 1997; 2006; SANT'ANNA, 1995; 2007; 2012; SILVA, 2001). Tais referências indicam que o corpo, especialmente o feminino, tornou-se centro de investimentos tecnológicos e ideológicos, com fortes desdobramentos para as construções identitárias. Apesar disso, o dualismo corpo e mente ainda parece estar ativo, mesmo que revestido por novas linguagens e metáforas, compartilhando espaço com outros, tal como cultura e natureza, feminino e masculino, os quais ainda povoando o cotidiano carregados de hierarquizações e preconceitos.





É nesse cenário que desenvolvemos uma pesquisa mais ampla<sup>1</sup>, da qual aqui apresentamos um recorte problematizando a percepção de gestoras/es e docentes de diferentes campos disciplinares referentes aos comportamentos e demandas de estudantes acerca do corpo e das questões gênero. Nosso objetivo foi descrever o processo de formação continuada paralelamente à análise das percepções dessas/es educadoras/es e das formas de mediação desses conhecimentos no cotidiano escolar.

### **O desenho metodológico da pesquisa**

Buscando problematizar as percepções de corpo e gênero de professoras/es e gestoras/es educacionais de escolas públicas da grande região de Goiânia/GO, traçamos um desenho metodológico próximo de uma pesquisa-ação. Esta opção metodológica mostrou-se interessante justamente para fazer frente à problemática de pesquisa na busca por ações mais propositivas, além das diagnósticas.

Fizemos inicialmente um mapeamento das regiões que apresentavam índices elevados de pobreza e desigualdade social, segundo dados obtidos no site do IBGE (2008), considerando que esses são locais estratégicos para aplicação de políticas públicas e sociais. Além disso, buscamos as informações de demandas por formação continuada existentes nos órgãos públicos de gestão da educação e o interesse e disponibilidade em participar de um projeto de pesquisa com essas características.

Na sequência, aplicamos questionários com 80 estudantes do último ano do Ensino Fundamental, 26 professoras/es que ministram aulas para estas turmas e 6 gestoras/es educacionais. Como fonte de dados utilizamos os diários de campo das oficinas de formação,

---

<sup>1</sup> Análise parcial dos dados provenientes da Pesquisa intitulada "Corpo, classe social, gênero feminino e sexualidade: (des)naturalizando linguagens e marcas do universo escolar", financiada pelo CNPq edital nº 57/2008, no período de 2009 a junho de 2011.





os quais tematizavam as questões sobre corpo e gênero provenientes dos questionários as/aos estudantes. A partir desses elementos, a pesquisa foi desenvolvida em duas escolas públicas da cidade de Goiânia/GO, uma municipal e outra estadual, localizadas em regiões periféricas da cidade, de perfil demográfico similar.

O questionário foi elaborado com perguntas abertas e fechadas, dividido em duas partes. A primeira parte referente aos dados de identificação das/os participantes (idade, formação inicial e continuada, renda, religião, imóvel próprio, meio de deslocamento para o trabalho, possui computador e internet em casa, os sites e mídias mais acessados). A segunda referente aos conhecimentos e significados atribuídos ao corpo e as práticas corporais, além de questões de gênero.

A partir das demandas acerca do corpo e das questões de gênero apresentadas pelas/os professoras/es e gestoras/es nos questionários, foram construídas as oficinas temáticas de formação, referente as questões centrais dessa pesquisa e que foram ratificadas pelas/os educadoras/es como de relevância na realidade escolar. As oficinas aconteceram em dias diferentes, em horários pré-agendados no espaço escolar e realizadas no período compreendido entre o segundo semestre de 2009 ao primeiro semestre de 2010.

#### **Apresentação das/os educadoras/es:**

Maioria do gênero feminino (67%), em que todas/os informaram ter uma orientação heterossexual e 54% afirmaram ser católicas/os. A maior parte (70%) encontra-se na faixa etária entre 21 e 40 anos, sendo 50% casadas/os e 42% solteiras/os, e 56% do total informaram ter filhas/os.

Um dado que merece registro é que nestas escolas mais da metade das/os docentes está trabalhando na modalidade de vínculo temporário, portanto somente 38% são professoras/es concursadas/os, o que se constitui como um dado preocupante ainda que comum na rede





oficial pública<sup>2</sup>. Quando indagadas/os sobre a formação continuada, realizada por meio de cursos e especializações, metade delas/es responderam ter concluído ao menos um curso de *lato sensu* e todos possuem cursos de curta duração.

Com relação à faixa salarial, 58% descreveram ter uma renda familiar entre 3 e 5 salários mínimos, sendo que a mesma porcentagem de pessoas (58%) informaram morar em imóvel próprio e 77% possuir algum veículo (carro e/ou moto). Na questão sobre as condições de vida extra "muros", 92% informaram ter computador em casa, ainda que apenas 36% tenha acesso à internet na residência.

No que se refere aos dados de identificação das/os gestoras/es das duas escolas pesquisadas, um percentual de 83% é composto por mulheres e todas/os declararam ser heterossexuais, com idades entre 40 a 45 (50%) e 50 a 55 (50%). Quanto à religião a maioria declarou ser católica/o (83%) e 17% evangélicas/os.

Com uma realidade um pouco diferente das/os professoras/es, 50% das/os gestoras/es responderam ser concursadas/os e a outra metade pertencer à modalidade de vínculo temporário, lembrando que dentre elas/es estão os coordenadoras/es pedagógicos, além das/os diretoras/es. Um dado interessante de análise refere-se ao fato 83% delas/es terem cursado o ensino superior em instituições federal, estadual e municipal, ou seja, pública, bem como todas/os terem feito um curso de especialização *lato sensu* em seu processo de formação continuada.

Quanto às condições de trabalho fora do ambiente escolar, 100% respondeu ter computador em casa e 83% ter acesso à internet, bem como morar em imóvel próprio (66%) e ter automóvel (66%), podendo ser carro e/ou moto. Com relação à faixa salarial, 50% descreveram ter uma renda familiar entre 5 e 7 salários mínimos, sendo que 17% informaram ser acima de 11 salários, um percentual superior aos das/os professoras/es. Possivelmente,

---

<sup>2</sup> Dados alarmantes da falta de investimento no Ensino Fundamental e Médio podem ser conferidos em sites (SINTEGO, 2010; PROFESSOR, 2009) e artigos (CURY, 1998; FRIGOTTO, 2007).





esse fato está vinculado a melhor remuneração pelos cargos e/ou pela maioria ter maior tempo de serviço e idade superior a das/os professoras/es.

Tais informações foram fundamentais para elaboração e construção das oficinas, tanto na problematização dos limites e possibilidades da formação continuada, quanto para utilização de novas tecnologias da comunicação e informação para isso como para os demais momentos da pesquisa. Tais informações também contribuíram nas orientações a elaboração e análise dos planos de aula, na leitura e sistematização de textos, assim como indicar e possibilitar o acesso a *links* de vídeos, filmes e produções acadêmicas. Todos esses recursos foram disponibilizados na página eletrônica do grupo de pesquisa<sup>3</sup>, a qual foi adaptada para oferecer e receber os produtos planejados neste processo de pesquisa-ação, ainda que neste texto não sejam discutidos.

Outra questão importante que nos interessava ao construir esse diagnóstico era estabelecer nexos entre o acesso aos meios de comunicação, as possibilidades de obter informações e a compreensão das/os pesquisados. Compreensão inclusive, da interface existente entre os conhecimentos sistematizados, (re)elaborados e produzidos na escola e aqueles existentes ou provenientes dos *mass media* (NOVOA, 1999), referente às suas percepções de corpo e gênero.

### **Alguns achados do campo de pesquisa: o foco nos questionários**

Na segunda parte do instrumento, referente às questões de corpo, práticas corporais e gênero, as/os professoras/es apontaram algumas prioridades para dialogar e/ou trabalhar com as/os estudantes. Entre essas estão os temas relacionados ao conhecimento e desenvolvimento

---

<sup>3</sup> Site construído pelo LABPHYSIS - Laboratório *Physis* de Pesquisa em Educação Física, Sociedade e Natureza e disponível em [www.labphysics.fef.ufg.br](http://www.labphysics.fef.ufg.br).





corporal, considerando as mudanças corporais na puberdade, a iniciação sexual, os métodos preventivos de doenças e a gravidez.

Um número significativo de respondentes descreveu como demandas advindas das/os estudantes as mudanças hormonais, as transformações expressas nos corpos, especialmente nas atitudes e nos comportamentos das jovens estudantes. Para elas/es, as estudantes exibem, talvez demasiadamente, seus contornos e suas formas corporais em roupas sensuais. Algumas de suas falas indicam com mais clareza esta avaliação: "atualmente a sexualidade aflora mais cedo. Então, percebe-se uma maior demonstração das meninas no decote e quadril. Há votações referentes ao corpo" (Professora de História, 26 anos); "uma vaidade muito grande; ou seja, crianças se maquiando e com roupas sensuais" (Professora de Artes, 32 anos); "elas se expõem muito, usam o corpo como atrativo e nunca questionam nada sobre seu comportamento e não parecem ter dúvidas em relação à sexualidade" (Professora de Português, 42 anos).

Em parte significativa das respostas, encontramos uma percepção que identifica a estudante como àquela que se exhibe, valendo-se da exposição do seu corpo para chamar a atenção das pessoas. Sua vestimenta e seu comportamento parecem ter um conteúdo imoral na relação com o corpo, lembrando algo de promiscuidade e vulgaridade. As vestimentas avaliadas como curtas, justas e decotadas e os ornamentos grandes e brilhantes compõem uma, dentre muitas, linguagens corporais que se mostra de forma extravagante aos olhares, talvez normalizados, de uma educação corporal.

Quando indagadas/os sobre quais os questionamentos, curiosidades e conversas percebem entre as/os estudantes e docentes, a maioria descreveu o interesse pela temática sexo, com 62%. Derivados deste ou com ele relacionados, os assuntos mais mencionados foram aqueles voltados aos aspectos biológicos dos órgãos e da função sexual, aos ciclos menstruais, a masturbação, a gravidez, a prática do sexo e as doenças socialmente transmissíveis (DST). Outras demandas também foram relatadas, com especial ênfase para a preocupação com aparência física, principalmente por parte das estudantes.





A maioria das/os professoras/es argumenta intervir nestas questões de forma a demonstrar para as escolares a importância de se "preservarem", como uma condição de respeito. Uma das falas é significativa nesta questão, informando conversar com as/os estudantes sobre "o fato de terem de se preservar, se respeitar. A discussão é aberta e simples" (Professora de Português, Inglês e Espanhol, 42 anos). Mais do que isso, os dados indicam que este tipo de educação do corpo volta-se prioritariamente as jovens estudantes, com uma preocupação centrada na corporalidade e em certo controle da sexualidade feminina, de forma muito mais acentuado do que ocorre com a sexualidade masculina.

Esse modo de perceber a questão, o qual parece se desdobrar pedagogicamente lembra uma concepção de sexualidade como algo ativo e do domínio masculino. No que diz respeito à mulher, mostra-se cuidado minucioso que se coloca mais como um controle para com a sua sexualidade, reforçando a tese de que tanto na escola quanto fora dela, há "um preço por ser menina" (SCHWENGBER, 2012, p. 01).

É nesse contexto que percebemos características normativas nas respostas das/os docentes quanto à "exposição" das formas e contornos corporais das estudantes, e sua preferência pelo uso do uniforme. Segundo elas/es, tais regras contribuem para evitar "problemas futuros nesta faixa de idade", como relataram em conversa durante o primeiro grupo focal. Consideram necessário discutir sobre corpo, talvez por se o *locus* privilegiado da identidade e da moral, para que não o use de "forma incorreta". Falar sobre modismo, sobre o belo e o vulgar, assim como "não usar seu corpo de forma banal", são temas que elas/es destacam, pois as/os estudantes precisariam dar maior valor ao conhecimento e não a estética.

A interpretação feita pelas/os educadoras/es dessa forma de linguagem corporal pode ser analisada sob a ótica do referencial foucaultiano (FOUCAULT, 1985; 2004). Esse exercício reflexivo também foi feito por César (2009), indicando ser a sexualidade inserida em estratégias de saber e poder, inclusive como forma de controle sobre os indivíduos e a população, tornando-se um dispositivo de normatização da vida. Torna-se um novo "sexo bem educado", responsável, saudável e seguro, exemplar de um paradigma biopolítico de controle





da vida e que chega até o universo escolar reproduzindo um discurso que padroniza e elege uma forma ideal de viver a sexualidade.

Discriminações e desigualdades que observamos em nossos dados de campo. No que diz respeito à concepção de gênero das/os professoras/es, observou-se que praticamente metade deles relaciona o termo com divisão de sexo em suas características tanto biológicas quanto culturais. É o caso de um professor de português (54 anos) que informa. "menino tem brincadeiras próprias de meninos e acho que não pode se misturar com meninas!". Associar gênero a uma identidade sexual, bem como à feminilidade e masculinidade foram frases recorrentes nos dados de campo. De outro modo, poucos levantaram questões que indicassem um repensar dessas questões, uma problematização inclusive pedagógica sobre gênero e as desigualdades decorrentes da temática.

Ao descreverem os modos como percebem as questões de gênero na escola, algumas educadoras ressaltaram diferenças e certo preconceito no que concerne os comportamentos das/os estudantes. Afirmações tais como "as mulheres se mostram muito" (Professora de Inglês, 35 anos) ou "todo garoto que convive com meninas é afeminado" (Professora de Português, 37 anos), são exemplos dessas percepções.

O que se observou, também, é certa naturalização do corpo e das questões de gênero e sexualidade, ao serem explicadas pelas diferenças anatomofisiológicas, desconsiderando o papel ativo do sujeito histórico e o contexto social a que pertence e que lhe constitui. Tal processo de naturalização contribui e justifica uma posição de não intervenção, cristalizando linguagens e ações como se fossem próprias de homens e mulheres, e reiterando essa percepção para as novas gerações.

Um dos pesquisados busca, a sua maneira, enfrentar essas questões, "mostrando e explicando aos alunos que homem e mulher são diferentes e que temos papéis e responsabilidades naturais e adquiridas". (Professor de Português, 54 anos). A tentativa de enfrentar a problemática pode ser mais pedagogicamente interessante do que a indiferença, porém, esse modo de pensar o gênero o reduz ao conceito de diferença sexual. Um conceito





limitado, pois se fundamenta em "uma distinção substantiva entre os grupos de pessoas em função do seu sexo" (LAMAS, 2000, p. 14) e as representações sociais atribuídas a cada um tomadas como a-históricas.

Em síntese, pudemos identificar que as temáticas relacionadas ao corpo e gênero permeiam o diálogo dessas/es professoras/es com as/os estudantes. A pergunta sobre quais temáticas dialogam com as/os estudantes?, reflete isso. Descreveram o corpo e suas transformações, assim como os comportamentos, os modos e os costumes presentes nas conversas. Pontualmente, 48% descreveu conversar sobre os papéis femininos e masculinos na sociedade, 30% sobre sexualidade, explorando temas relacionados às mudanças corporais, ao sexo e aos prazeres.

Em uma perspectiva próxima das/os docentes, as/os gestoras/es apontam que as/os estudantes constroem diálogos entre si, comportamentos e atitudes referentes ao corpo, voltados para uma representação estética das formas delineadas, tonificadas ou torneadas, principalmente para as meninas. Além disso, argumentam que as/os jovens têm preferências em seu ideal de beleza, por pessoas mais magras ou esbeltas. Segundo informam, as pessoas que estão com sobre peso ou obesas, recebem menos ou nenhum elogio e são frequentemente satirizadas pelo coletivo. Ainda nesta questão, gestoras/es levantaram como temas a saúde, a higiene pessoal, a valorização do corpo e a sexualidade, como questões relevantes a serem dialogadas e tematizadas, especialmente com as alunas.

Este dado de preocupação com as jovens constitui-se como mais um indício de preocupação com a sexualidade feminina, talvez como um estigma de dominação sobre a feminilidade. Corroboram, também, com dados de outras pesquisas que mostram um grau importante de preocupação com a imagem social e as manipulações corporais frequentes entre jovens meninas (SALVINI; MYSKIW, 2009).

Referente à forma como identificam e lidam com as questões de gênero na escola, as/os gestoras/es argumentam que são abertas/os ao diálogo e atuam de "forma natural", "identificando as orientações sexuais de cada indivíduo e respeitando-as" (Diretora, 48 anos).





Em suas respostas, a maioria enfatiza não ser preconceituosa/o em suas abordagens e intervenções com as/os demais professoras/es e com as/os estudantes, afirmando que "não houve oportunidade de aprofundamento, mas quando se trata de homossexuais tratamos como algo natural, demonstrando respeito" (Coordenadora Pedagógica, 43 anos). Uma contradição observada, porém, mostra-se nessa questão. Ao serem indagadas/os se colocariam e/ou apoiariam algum menino de sua família a fazer balé, responderam não ver nenhum problema os escolares escolherem este estilo de dança. Apesar disso, complementam que não colocariam nenhum familiar próximo (filho, sobrinho), mesmo se ele solicitasse, em decorrência dos preconceitos sociais que poderiam vir a sofrer.

Professoras/es e gestoras/es demonstram certa aproximação de juventude como um período de falta de maturidade ou de vulnerabilidade ao relacionar irresponsabilidade e o vivenciar da sexualidade das/os estudantes. Descrevem que estas/es "se expõem muito, usam o corpo como atrativo" (Professora Português, 37 anos), "que as meninas procuram mostrar de certa forma que já são mulheres e os meninos que já são os valentões, homens, todos já 'adultos' sendo que na verdade não passam de crianças" (Professora de Geografia, 25 anos).

A força desses dados parece justificar, ainda mais, um trabalho de formação continuada auxiliando as essas/es educadoras/es em seu sua tarefa cotidiana na escola. A diversidade de formações, de idade, assim como de funções as quais o grupo desempenha na vida institucional potencializa ainda mais o trabalho de reflexão coletiva que se buscou desenvolver nas oficinas temáticas, tal como passamos a apresentar.

### **Breves Reflexões**

Tais demandas e denúncias, que infelizmente não nos parece novas, reforçam a necessidade da formação inicial e continuada de educadoras/es para que esse processo esteja comprometido com a formação de sujeitos conscientes e críticos, capazes de identificar,





problematizar e interferir na realidade social. Nesse sentido, a análise indica que projetos de pesquisa-ação desta natureza apresentam-se como uma possibilidade de diálogo, reflexão e ação sobre as discussões de corpo e as questões de gênero. Especialmente porque essas são temáticas, frequentemente, não são contempladas no currículo das licenciaturas, mas apresentam-se como temas emergentes no cotidiano escolar, frente aos quais muitas vezes as/os educadores silenciam e em outras a enfrentem unicamente munidos do senso comum e reproduzindo a mesma lógica que lhes originam.

Percebemos que a observação do preconceito era mais frequente na/o outra/o, nos comportamentos, atitudes ou falas preconceituosas entre as/os estudantes e seus familiares. Muito mais dificuldade, porém, era perceber em si mesmo ou suas co-responsabilidades no processo. Ao serem estimuladas/os a analisarem suas intervenções pedagógicas, mesmo quando identificavam conflitos sobre tais questões, consideravam ser pertinentes as normas, regras e formalidades impostas por uma instituição escolar. Consideravam, também, serem decorrentes da baixa renda da comunidade e da falta de estrutura familiar, sobrecarregando a escola com comportamentos de violência, indisciplina e falta de comprometimento com o ensino.

Assim, não propor nenhum diálogo, não problematizar nenhuma questão e fingir que não viu e/ou ouviu nenhuma situação que causasse "desconforto", foram as estratégias pedagógicas mais utilizadas pelas/os educadoras/es. Algumas/uns, por outra via, tentavam intervir a partir de suas vivências, de seus conhecimentos morais, religiosos e percepções afetivas. Outras/os centravam suas conversas em argumentos científicos, porém de cunho biologicista com explicações que se restringiam a questões anátomo-fisiológicas, como informações sobre órgãos genitais, produção hormonal e DST. Temas tidos como tabus, também foram identificados entre as/os educadores, tal como em outro estudo realizado com professoras/es de Educação Física na mesma cidade (SILVA, SILVA, BAPTISTA, 2012).

Algumas questões, para além dos objetivos desta análise, foram marcantes no campo de pesquisa e devem ser registradas. Entre elas destacam-se os baixos salários, a falta de concursos públicos para efetivação na carreira e a sobrecarga de trabalho. Outros pontos





importantes dizem respeito à precária condição de trabalho, com muitas turmas e horas em sala de aula, pouco tempo de planejamento e discussões coletivas, baixos salários e pouco reconhecimento profissional e valorização social.

Difíceis condições que nos apontam a necessidade de mudanças educacionais urgentes enfatizando a necessidade de investir em políticas públicas que possibilitem a formação inicial e continuada de qualidade para as/os educadoras/es, bem como estabilidade profissional e remuneração digna. O reconhecimento da importância em dialogar sobre tais temas parte da grande quantidade de conflitos que se apresentam cotidianamente no espaço escolar, acirrado por estes problemas estruturais; emergência política que reforça outras necessidades éticas e epistemológicas para a tarefa educativa.

## REFERÊNCIAS

ALTMANN, Helena; MARTINS, Carlos José. Políticas da sexualidade no cotidiano escolar. In: CAMARGO, Ana Maria Faccioli de; MARIGUELA, Márcio. (Orgs). **Cotidiano escolar - emergência e invenção**. Piracicaba/SP: Jacintha Editores, 2007, p. 131-150.

BORBA, Jociane André de. **Livro didático: um aliado à imposição social do gênero**. X Encontro Gaúcho de Educação Matemática, Ijuí/RS, junho de 2009.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 9 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

BRETON, D. **Antropologia del cuerpo y modernidad**. Buenos Aires: Nueva Visión, 2002.

CASTRO, Ana Lúcia de. Culto ao corpo: identidades e estilos. In: Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais. Coimbra, set. 2004. **Anais**. Coimbra, 2004, p.1-14.





CÉSAR, Maria Rita de Assis. Gênero e Sexualidade na escola: notas para uma 'epistemologia'. **Educar em Revista**, v. 35, p. 37-51, 2009.

COURTINE, Jean-Jacques. Os Stakanovistas do Narcisismo. In: SANT'ANNA, D. B. de. **Políticas do Corpo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1995, p. 81-114.

CURY, Carlos Roberto Jamil. O Ensino Médio no Brasil: histórico e perspectivas. Belo Horizonte, **Educação em Revista**, n 27, julho, p. 73-84, 1998.

FÁVERO, Maria Helena. **Psicologia do gênero: psicobiografia, sociocultura e transformações**. Curitiba: Editora da UFPR, 2010.

FOUCAULT, Michel. **Ética, sexualidade, política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

FRIGOTTO, Gaudêncio. A relação da educação profissional e tecnológica com a universalização da Educação Básica. Campinas, **Revista Educação e Sociedade**, v. 28, n. 100, p. 1129-1152, out. de 2007.

GOLDENBERG, Miriam. **De perto ninguém é normal**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. 2008. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br/home/>> . Acesso em 14 de fevereiro de 2009.





LAMAS, Marta. Gênero: os conflitos e desafios do novo paradigma. **Proposta**, n. 84/85 março-agosto de 2000.

NOVAES, Jona de Vilhena. **Corpo e Prazer**: o corpo do consumo e o consumo do corpo. Rio de Janeiro: Puc, 1997.

\_\_\_\_\_. **O intolerável peso da feiura**: sobre as mulheres e seus corpos. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio:Garamond, 2006.

NÓVOA, António. Os professores na virada do milênio: do excesso dos discursos à pobreza das práticas. **Revista Educação e Pesquisa**, v. 25, n. 1, jan/jun 1999.

PROFESSOR TEMPORÁRIO. A saga de quem é professor temporário, 2009. Disponível em < <http://professortemporario.wordpress.com/>>. Acesso em 03 de março de 2013.

SALVINI, Leila; MYSKIW, Mauro. As manipulações do corpo na representação da imagem social de alunas nas aulas de educação física. **Revista Pensar a Prática**, v. 12, n. 3, 2009.

SANT'ANNA, Denise. Cuidados de si e embelezamento feminino: fragmentos para uma história do corpo no Brasil. In: \_\_\_\_\_. **Políticas do Corpo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1995, p. 121-140.

\_\_\_\_\_. Uma história do corpo. In: SOARES, Carmen (orga.). **Pesquisas sobre o corpo**: ciências humanas e educação. Campinas/SP: autores Associados; São Paulo: FAPESP, 2007, p. 67-80.

\_\_\_\_\_. Sempre bela. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (orgs). **Nova história das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012, p.105-125.





SINTEGO. **Sindicato dos trabalhadores de Educação de Goiás**, 2010. Disponível em <<http://www.sintego.org.br/noticias-visualiza/>>. Acesso em 12 de março de 2013.

SCHWENGBER, Maria Simone. Qual o preço de ser menina? Implicações das expectativas corporais. **Revista Pensar a Prática**, v. 15, n. 3, 2012.

SILVA, Ana Márcia. **Corpo, ciência e mercado**: reflexões acerca da gestação de um novo arquétipo da felicidade. Campinas, SP: Autores Associados: Florianópolis: Editora da UFSC, 2001.

SILVA, A. T.; SILVA, A. M.; BAPTISTA, T. Corpo e saúde: reflexões acerca da concepção de professores de Educação Física. **Investigación y Educación Física, Revista Digital**. ICAEF/Argentina, Vol 01, serie 01, 2011.

SOUZA, Eustáquia Salvadora de; ALTMANN, Helena. Meninos e meninas: Expectativas corporais e implicações na educação física escolar. **Cadernos Cedes**, ano XIX, n 48, agosto de 1999.

